

“EL HURACÁN SOBRE EL AZUCAR”: ALGUMAS POSIÇÕES POLÍTICAS DE JEAN-PAUL SARTRE SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA (1959-1960)*

ALMEIDA, Rodrigo Davi.**

A Liberdade Cubana Exaspera o País da Liberdade

Sartre afirma que até a Revolução de 1959 os cubanos miseráveis não tinham futuro. A cada ano esperavam, depois de quatro meses de trabalho, a volta de oito meses de desocupação.¹ Sem trabalho (em torno de três milhões de homens), uns migravam para a Europa, outros, para os Estados Unidos e assim tudo seguia a sua rotina:

“os especuladores especulavam; os traficantes traficavam; os desocupados seguiam sem trabalho; os turistas se embriagavam e os camponeses desnutridos, corroídos pela febre e parasitas, trabalhavam a terra alheia um dia atrás do outro”.²

A luta da Revolução, direcionada contra o exército e a ditadura de Batista, objetiva, portanto, destruir o imperialismo “semi-colonialista” norte-americano. Para destruí-lo é necessário, de acordo com Sartre, a luta econômica (pela independência), a luta social (pelo fim da miséria), a luta política (pela soberania do Estado) e a luta moral (pela honestidade de seus dirigentes):

“lutar pela independência da economia cubana, pela soberania de seu Estado e pela honestidade de seu pessoal dirigente, era lutar *primeiro* contra os EUA. O objetivo político havia esvanecido ante o objetivo econômico, e, este por sua vez, se desvanece ante o objetivo social. Os estudantes, os pequenos burgueses, queriam em princípio reformar as instituições. Mas os revolucionários, ao *pensar* suas reivindicações reformistas, descobrem subitamente o único instrumento capaz de realizar as reformas: o povo. E particularmente a classe mais numerosa e mais deserdada: os trabalhadores agrícolas.”³

Constantemente, Sartre se refere ao ponto de vista da “classe social mais deserdada”, como sendo o mais verdadeiro, logo, universal. Sartre se posiciona politicamente ao lado dos “mais deserdados” sempre a partir dessa identificação. Na Europa e nos Estados Unidos a classe mais deserdada é o proletariado. No Terceiro Mundo são os camponeses,⁴ assim como, outrora, os negros o foram, na década de 1940, quando Sartre desenvolve sua

* Este texto, com algumas modificações, é parte do capítulo sobre Cuba de minha Tese de Doutorado: “As posições políticas de Jean-Paul Sartre e o Terceiro Mundo (1947-1979)”, defendida em fevereiro de 2010.

** Licenciado, Mestre e Doutor em História pela UNESP – FCL de Assis/SP. E-mail: rodralvida@yahoo.com.br.

¹ (SARTRE, 1961c, p. 102).

² (Ibid., p. 70).

³ (SARTRE, 1961a, p. 13, grifos de Sartre). Sartre utiliza como sinônimos “trabalhadores agrícolas” e “camponeses”.

⁴ Sartre, às vezes, também se refere aos camponeses argelinos e cubanos como trabalhadores agrícolas.

Teoria da Negritude. Sartre não tem dúvidas quanto a caracterizar as três revoluções – a argelina, a cubana e a vietnamita como revoluções camponesas.

A deflagração da Revolução em Cuba põe fim ao esbulho “semi-colonial” ao mesmo tempo em que coloca em xeque a “Doutrina Monroe” norte-americana. Não por acaso, os Estados Unidos temem a disseminação de outras revoluções pela América Latina tendo em vista “o exemplo cubano”. Os Estados Unidos não podem deixar que Cuba se converta “em líder das massas da América Latina”⁵ que “sentem o peso do imperialismo econômico americano”⁶. Eis porque, segundo Sartre, “a liberdade cubana exaspera o país da liberdade”⁷: ela mostra que “se o sistema quebra em um ponto, então pode quebrar em todos”.⁸ Além disso, os Estados Unidos temem que Cuba se torne o enclave do bloco comunista na América Latina, o que de fato ocorre, quando Cuba se proclama socialista⁹ e, pior, quando, em 1962, a União Soviética instala bases de lançamentos de mísseis em Cuba, evento que fica conhecido como a “crise dos mísseis”. Naquele momento, muitos até cogitam a possibilidade de um terceiro conflito mundial.

O recrudescimento do temor dos Estados Unidos resulta na invasão da ilha em 1961, fato antevisto por Sartre que observava que as relações de Cuba com os Estados Unidos deterioravam-se a cada dia. Sartre escreve: “indignados e preocupados, os cubanos se perguntam se os Estados Unidos não boicotariam os barcos cubanos que chegam à costa sudeste do continente, se abaixariam a cota de açúcar e organizarão o bloqueio”.¹⁰

Em entrevista ao *Voie Communiste*,¹¹ Sartre afirma, no entanto, que a invasão tinha poucas chances de obter sucesso (os fatos posteriores mostraram que Sartre estava correto) porque as massas estavam profundamente ligadas ao regime de Castro. Em última instância, e na hipótese de uma derrota dos cubanos, o resultado seria ainda mais desastroso aos EUA, pois,

“o esmagamento de Castro terá ao mesmo tempo por efeito radicalizar os povos sul-americanos e de reforçar sua recusa do imperialismo. (...) É preciso compreender o que representaria um fracasso de Cuba, inicialmente para nós, mas sobretudo, para o conjunto

⁵ (SARTRE, 1961b, p. 25).

⁶ (SARTRE, 1961c, p. 116). Em relação à sua visita ao Brasil, Sartre destaca: “os povos desses países estão muito mais sensíveis ao fato de que Castro pôde abalar a tutela econômica americana (...) quando eu fui ao Brasil, eu pude constatar que Cuba era considerada como um exemplo, como um país ‘piloto’”. SARTRE, “L’assaut contre Castro”. *L’Express*, 20 abr. 1961, p. 8.)

⁷ (SARTRE, 1961c, p. 198).

⁸ (SARTRE, 1961d, p. 8). A Guerra do Vietnã reforça a expectativa.

⁹ Para Sartre, no entanto, quando Cuba se proclama socialista os norte-americanos se obstinam na propaganda anticomunista mesmo sem saber o que isso significa de fato, pois, “para eles o comunismo é tudo o que é suspeito aos interesses americanos”. (SARTRE, 1961d, p. 8).

¹⁰ (SARTRE, 1961c, p. 197).

¹¹ (SARTRE, 1961e).

dos países subdesenvolvidos, pelo que se chamam de Terceiro Mundo. (...) Não se trata, portanto, do caso cubano, de uma simples injustiça. Esta é uma, claro, e particularmente revoltante: é inógbil, para uma grande potência, se enfurecer e abater um pequeno país que luta para reconstruir sua sociedade depois de mais de meio século de dependência. Mas o problema não está aí. Se é preciso se alinhar totalmente nos flancos de Castro é porque é a política da esquerda que se busca esmagar com ele.”¹²

Enfim, Sartre destaca que, fundamentalmente, o “país da liberdade” não objetivava apenas destruir um povo que se rebelava contra o sistema “semi-colonial”, mas sobretudo, esmagar e debelar toda a política de esquerda cubana que poderia servir de modelo aos outros países latino-americanos.

A “Incompetência Competente”: A Juventude no Poder e os Problemas do Dirigismo e do Centralismo Revolucionários

Para Sartre, a revolução fez-se, inicialmente, sem ideologia e sem partido político, pelo menos, no sentido tradicional, daí a sua originalidade. O partido político revolucionário cubano em gestação é a guerrilha e sua forma é o foco guerrilheiro, de acordo com Sartre. Isto se deve à própria especificidade latino-americana, cujas instâncias política e militar não se separam, formando um todo orgânico.¹³ Outra especificidade da guerrilha, destacada por Sartre, consiste no fato de ser liderada por jovens.

Sartre nos dá algumas explicações sociológicas para o fato de a revolução ter sido pensada e liderada por jovens e por tê-los alojados no poder, o “maior escândalo da revolução”¹⁴ para os “ianques”. Para Sartre, “somente a juventude experimentava suficiente cólera e angústia para empreendê-la (a revolução) e tinha suficiente força para levá-la a cabo”,¹⁵ uma vez que “o crescimento demográfico rompia o equilíbrio na ilha e convertia em minoria os velhos”.¹⁶ Agravava o quadro, o fato de que a juventude via seus adultos transigirem com a ditadura e a miséria:

“a juventude não tinha nada que perder. Via seus adultos contemporizar com a tirania e pensava ‘se resignam às nossas desgraças’. (...) Frente à renúncia dos adultos, *inventaram* uma intransigência que não tem perdido e que lhes permitiu compreender o chamamento que lançava a intransigência de Castro.”¹⁷

¹² (SARTRE, 1961d, p. 8).

¹³ (SARTRE, 1969, p. 36). O mesmo afirma Hobsbawm em *Era dos Extremos*.

¹⁴ (SARTRE, 1961c, p. 168).

¹⁵ (Ibid., p. 169).

¹⁶ (Ibid., p. 169).

¹⁷ (Ibid., p. 169, grifos de Sartre). É bastante comum Sartre utilizar o termo *invenção* para as soluções que tiveram de ser tomadas pelos jovens rebeldes no poder diante de situações inusitadas. O termo se reporta, evidentemente, à sua filosofia da liberdade, que caracteriza a escolha de ação dos indivíduos diante das decisões e saídas que precisam tomar nas mais diferentes ocasiões.

Sartre menciona que os mais velhos entre os revolucionários, como Che Guevara, tinham apenas 30 anos de idade e ocupavam os cargos de ministros. Seja “na oficina, nos campos, num ministério, *o trabalho é jovem* – verdadeiramente jovem”.¹⁸

A penúria de quadros técnicos, de especialistas, de profissionais liberais, era um problema bastante considerável em Cuba. Na verdade, era o resultado da fuga dos especialistas e dos profissionais liberais para os Estados Unidos, após a deflagração da revolução. No entanto, o fato não chegou a sabotar a revolução, afinal, historicamente, como assegura Sartre,

“ainda não aconteceu que uma revolução vitoriosa afunde por falta de elites. Na URSS, na China, no Vietnã (...), ao preço das convulsões dolorosas, os chegados recentemente se colocaram nos postos de comando, dirigindo, inspecionando, decidindo de dia, aprendendo e lendo à noite. Assim, no desenvolvimento de uma revolução, é um fato normal e positivo como a substituição das competências reacionárias pela dos revolucionários incompetentes. E se esta substituição não se faz pela força, ela se torna necessária pela emigração maciça dos especialistas.”¹⁹

O problema deveria ser resolvido pelos jovens que assumiram tarefas para as quais nem mesmo tinham uma formação adequada, o que Sartre caracteriza como a “incompetência competente”. A “incompetente competência” dos jovens revolucionários poderia configurar um obstáculo sério ao projeto revolucionário se desembocasse numa simples aventura e num experimentalismo, podendo redundar no fracasso total da revolução. Nessa esteira, se pergunta Sartre: “como produzir, aumentar a produção *sem saber*? Não há que confundir a revolução, que corre riscos calculados e funda suas invenções na experiência, com a aventura, que somente é o mais divertido dos jogos de azar”.²⁰ Sartre ilustra a situação com um caso, por ele observado, de um jovem veterinário incumbido, pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), de administrar uma zona econômica (a divisão da ilha após a revolução), quando, de fato, o que era preciso era um engenheiro agrônomo. Os *jovens rebeldes* não tinham outra opção, afinal, nos países subdesenvolvidos que intentam subsistir, a penúria dos quadros exerce uma dupla pressão sobre os dirigentes: “produzir é a extrema urgência. (...) Tomar-se uma hora para estudar a agronomia ou o trabalho sobre os metais é roubá-la e perdê-la.”²¹

¹⁸ (SARTRE, 1961c, p. 173, grifos de Sartre). Nessa esteira Sartre aponta três questões: 1. Como a nova empresa condiciona esses adolescentes para convertê-los nos executores que devem levá-la a cabo; 2. Como conservam na revolução construtiva o seu caráter negativo de *rebelião*; 3. Como realizam praticamente a sentença ditada contra os adultos pela pressão demográfica. Ou em outras palavras: Que faz deles (os jovens) o Poder? Que fazem eles do Poder?

¹⁹ (SARTRE, 1968, p. 188).

²⁰ (SARTRE, 1961c, p. 180, grifos de Sartre).

²¹ (Ibid., p. 180).

A despeito dos fracassos, os jovens rebeldes continuaram a realizar suas tarefas. E também obtinham sucesso, pois, “esses *práticos* aprenderam a unir indissoluvelmente a prática e a ciência”,²² uns, “os homens de gabinete aprendiam a pôr a teoria na ação, outros, homens formados pela ação, iam esclarecê-la pela teoria”.²³ Para Sartre, “essa exigência dupla e contraditória definiu o tempo dos revolucionários: não havia que conceder um só minuto à teoria nem empreender nenhuma ação que não se fundasse na experiência”.²⁴

Sartre descreve a dura rotina dos jovens revolucionários que estudavam a fundo diversos problemas técnicos e que chegavam a trabalhar 24 horas por dia! Afirma ainda que os rebeldes pediam esforços ao povo e para tanto deviam, em primeiro lugar, mostrar seus esforços. Eis, na prática, uma das formas de combate à ideologia fatalista “sem açúcar não há revolução” que será analisada posteriormente. De acordo com Sartre, a “imagem (...) da revolução atuando sempre, alenta os trabalhadores da ilha a liquidar definitivamente o fatalismo e a conquistar-se todos os dias, sobre o velho inferno irrisório da impossibilidade”.²⁵

Sartre elogia uma medida tomada pelos “incompetentes competentes” no que concerne à elaboração dos códigos jurídicos, tecendo um paralelo com o código francês. Se na “França presume-se que ninguém *ignora* a lei, em Cuba se supõe que todo mundo deve *compreendê-la*”.²⁶ Em Cuba, portanto, prevalece o “didatismo” das leis cubanas baixadas, que sempre são precedidas por “um preâmbulo pedagógico” com “uma precisão e uma clareza admiráveis” em que “se expõem aos cidadãos a situação objetiva, seus perigos e suas exigências e indicam os fins que se perseguem e os meios de obtê-los.”²⁷

Outra discussão importante feita por Sartre, em relação à direção econômica e política da revolução se refere à questão do dirigismo e do centralismo revolucionários. Sartre se posiciona favoravelmente ao dirigismo²⁸ dos jovens rebeldes no poder por reconhecer que as circunstâncias externas (imposta pelos norte-americanos) determinavam as decisões internas tomadas em Cuba:

²² (Ibid., p. 176).

²³ (Ibid., p. 179).

²⁴ (Ibid., p. 180).

²⁵ (Ibid., p. 188).

²⁶ (Ibid., p. 143, grifos de Sartre).

²⁷ (Ibid., p. 143).

²⁸ Aliás, para variar, duramente criticado pelos liberais de Washington como sendo um escândalo: “Em Nova Iorque e em Washington, a mera palavra ‘dirigismo’ basta para provocar escândalo; por esta razão se tomou o curioso costume de chamar *comunista* um governo que não tem opinião sobre o regime de propriedade” (Ibid, p. 158). Devemos lembrar que no momento em que Sartre escreve, Cuba não havia se declarado socialista, o que ocorre apenas após o embargo econômico imposto à ilha pelos Estados Unidos e diante da ameaça de invasão da ilha pelo “país da liberdade”, em 1961.

“as circunstâncias cubanas exigem o dirigismo; é a hiper-industrialização dos Estados Unidos que exige o dirigismo à pequena ilha agrícola. O governo revolucionário *experimenta* essa pressão da realidade, delibera cada dia *sob a ameaça*, transforma a ameaça estrangeira em exigência da economia cubana, dá a conhecer o esforço que é necessário realizar, qual o setor está sob um perigo mais ou menos imediato? Como poderia ser de outro modo?”

O centralismo também foi adotado pelos cubanos por imposição das circunstâncias, desta vez, internas. A sociedade cubana era caracterizada por grande divergência de interesses entre suas classes sociais e à época da Revolução estava sendo lugar de conflitos políticos e sociais como as greves operárias, inclusive, durante os primeiros meses da Revolução. Diante da situação, de acordo com Sartre, Fidel Castro recorre “à arbitragem dos conflitos sociais” e impõe “aos sindicatos operários pôr um término às greves”, pois, “acabava de vencer o exército dos feudais, de expulsá-los, de confiscar seus bens para as classes desfavorecidas”.²⁹

O confisco dos bens dos “terratenientes” foi obra da Reforma Agrária, completa Sartre, e foi ela que,

“exigindo sacrifícios de todos, convida os trabalhadores rurais e urbanos a construir sua unidade real, seu interesse comum que era a livre exploração da ilha por todos em proveito de cada um. Apresentado de outra forma, o centralismo pode identificar a unidade nacional e o interesse comum se a revolução da qual sai é socialista. (...) Sem o saber, o centralismo exige esse mínimo abstrato que é a unidade nacional para que uma sociedade nova encontre tempo de se dar estruturas e quadros.”³⁰

A observação de Sartre é deveras importante no que diz respeito à identificação entre unidade nacional e o interesse comum do povo cubano. Estes somente são factíveis se o centralismo emana da uma revolução socialista, como afirma Sartre, pois, do contrário, “na falta de um movimento de massa, de uma luta armada, de um programa socialista, o centralismo, como práxis unificadora”³¹ pareceria arbitrário a todos. Sartre afirma que a industrialização não iria fazer-se ao acaso nem muito menos a Reforma Agrária que “reclama um dirigismo moderado”.³² Em relação à Reforma Agrária, o

“programa está feito antecipadamente; sobre ele se calçam as planificações particulares: se produzirá tanto de trigo, de algodão, tanto de maquinarias e ferramentas (...) homens fazendo projetos para os últimos anos do século”.³³

A industrialização estava, num primeiro momento, subsumida ao atendimento das necessidades de consumo alimentício da população cubana.

²⁹ (SARTRE, 1968, p. 194).

³⁰ (SARTRE, 1961c, p. 194).

³¹ (Ibid., p. 194).

³² (Ibid., p. 161).

³³ (SARTRE, 1961a, p. 3).

As Conquistas da Reforma Agrária

Da mesma forma como Sartre relaciona a miséria do povo cubano, o governo de Batista e a sua corrupção à dependência econômica, também relaciona a independência econômica de Cuba, levada a cabo pela Reforma Agrária – que é a mudança radical das antigas estruturas “semi-coloniais” – com a elevação do nível de vida e a honestidade dos líderes revolucionários.

A conquista revolucionária fundamental do povo cubano, indubitavelmente, é a Reforma Agrária.³⁴ Em 17 de maio de 1959 promulga-se a 1ª Lei de Reforma Agrária. De acordo com Sartre, estabelece-se a supressão dos latifúndios, a imposição de um limite máximo das propriedades privadas em 30 caballerias (por volta de 400 hectares). A partir disso, os excedentes são expropriados e repartidos entre os camponeses. Proíbe-se a aquisição de terras pelos estrangeiros; limita-se também a 2 caballerias a extensão de terras que cada família (de até 5 pessoas) poderia ter. Proíbe-se a propriedade simultânea do engenho de açúcar e da terra destinada à plantação de cana.³⁵ Para Sartre, a Revolução revela seu verdadeiro radicalismo ao expropriar os grandes proprietários de terras.

Com o objetivo de *difundir* a Revolução Cubana, Sartre apresenta alguns extratos da introdução da 1ª Lei de Reforma Agrária que, segundo ele, “deveria ser traduzida a todas as línguas”.³⁶ Eis, a seguir, alguns dos principais pontos da lei apresentados por Sartre:

“a Reforma Agrária tem duas metas principais: a) facilitar o surgimento e extensão de novos cultivos que provejam a indústria nacional de matérias-primas e que satisfaçam as necessidades do consumo alimentício, consolidem e ampliem as linhas de produção agrícolas com destino à exportação, fonte de divisas para as necessárias importações; b) elevar por sua vez a capacidade de consumo da população mediante o aumento progressivo do nível de vida dos habitantes das zonas rurais, o que contribuirá, ao estender o mercado interior, à criação de indústrias que resultam pouco rentáveis num mercado reduzido e a consolidar outras linhas produtivas, restritas pela mesma causa.”³⁷

Sartre reproduz esses pontos da lei para destacar o papel-chave da Reforma na sociedade cubana, isto é, a “reforma como a organização fundamental das forças produtivas e das relações de produção”.³⁸ Para Sartre, a reorganização das forças produtivas e das relações de produção, operadas pela Reforma Agrária, permitem a Cuba romper com a dominação norte-americana, isto é, o imperialismo “semi-colonialista” e a desenvolver sua produção de modo a satisfazer as necessidades do povo cubano, criando, inclusive, um mercado interno.

³⁴ Recorda Sartre: “o essencial é que Cuba é um país que obteve sua reforma agrária”. (SARTRE, 1961e).

³⁵ (SARTRE, 1961c, p. 143).

³⁶ (Ibid., p. 145).

³⁷ (Ibid., p. 145).

³⁸ (Ibid., p. 145).

Isso possibilita a erradicação da miséria, do desemprego, da fome e das doenças dela decorrentes e do analfabetismo. Sartre oferece os seguintes números: “catorze meses depois da vitória dos rebeldes, 25 mil desocupados haviam encontrado trabalho”³⁹ e nessa esteira, “as outras desgraças sociais como doenças e o analfabetismo”⁴⁰ foram extirpados. Em suma, os problemas sociais cubanos são resolvidos pela Reforma Agrária que possibilita o pleno emprego e a formação de quadros técnicos que resolvem os problemas da educação e da saúde. No longo prazo, sabemos que as medidas tomadas foram eficazes, afinal, Cuba se transformou em centro de referência mundial em educação e saúde públicas.

O maior problema resolvido pela Reforma Agrária foi o do desemprego. Os trabalhadores cubanos tinham apenas quatro meses de trabalho, durante o período da safra de açúcar. Transcorrido o período, passavam oito meses desempregados. Como precisavam se alimentar, vestir-se, etc., endividavam-se “com o bodegueiro da aldeia, com o patrão. Quando oito meses mais tarde voltam ao trabalho, seu pagamento futuro está consumido de antemão por esses empréstimos”.⁴¹ Eis porque “as classes pobres se alegraram francamente: o novo governo havia feito em algumas semanas o que seus predecessores não haviam podido fazer em quinze anos”.⁴² As medidas são: o rebaixamento dos aluguéis (cujo valor foi estipulado em 50% a menos do que eram), a redução das tarifas de telefonia e de eletricidade. Em seguida, esses setores da economia cubana foram nacionalizados. De acordo com Sartre, para os trabalhadores da cidade “antes de receber seus salários, o aluguel e a eletricidade levavam a metade dos mesmos”,⁴³ isso porque a pequena burguesia “em princípio contra sua vontade, logo com seu consentimento torna-se proprietária de imóveis ou de apartamentos, obtendo rendas pelos aluguéis de seus imóveis”⁴⁴.

Sartre analisa a Reforma Agrária sob um duplo aspecto: econômico e moral. Do ponto de vista econômico, ela resolve o problema da dependência econômica ao orientar a produção para a satisfação das necessidades do povo cubano criando um mercado interno. Para isso foi preciso a ruptura com a dominação “semi-colonialista” norte-americana. Em relação ao segundo aspecto e ligado ao primeiro está o fato de que a Reforma Agrária é *justa* por acabar com as desigualdades e os problemas sociais engendradas pelo subdesenvolvimento. A Reforma Agrária

³⁹ (Ibid., p. 149).

⁴⁰ (Ibid., p. 95).

⁴¹ (Ibid., p. 90).

⁴² (Ibid., p. 135).

⁴³ (Ibid., p. 134).

⁴⁴ (Ibid., p. 95).

“é um exemplo claro disso: concede um poder aquisitivo novo às classes rurais e quebra o domínio estrangeiro criando um mercado interno. Mas ao mesmo tempo, a Reforma Agrária é *justa*: suprime os privilégios e a miséria, permite ao trabalhador ser dono da terra e fabricar uma casa. Essas duas características indissolúveis constituem talvez a originalidade da ideologia cubana: o problema humano deve resolver-se em termos de produção; o único desenvolvimento viável da produção será aquele que satisfaça em tudo, a todas as necessidades do homem.”⁴⁵

Quando Sartre afirma que a Reforma Agrária “permite ao trabalhador ser dono da terra” isso não significa que se deva confundi-la “com a áspera vontade de possuí-la individualmente”. Mas a idéia fundamental do fragmento consiste em assegurar que “o problema humano deve resolver-se em termos de produção”. A honestidade dos dirigentes, a soberania do Estado, a liberdade de todo um povo “constituem o aspecto prático e material de uma problemática humana e humanista”.⁴⁶ Sartre complementa: “o único desenvolvimento viável da produção será aquele que satisfaça em tudo, a todas as necessidades do homem”. O “novo homem”, livre, honesto nasce com a “nova sociedade”, livre, justa.

A “Ideologia Selvagem” e a Ideologia Revolucionária Cubanas

O objetivo principal de Sartre no texto *Ideologia y revolución* é mostrar a possibilidade de uma outra relação entre ideologia (marxista) e práxis (revolucionária). Sartre defende que a Revolução Cubana e as posições adotadas pelos seus líderes, antes e no curso da Revolução iniciada em 1959, foram tomadas sem uma ideologia que os orientasse de antemão. Uma das originalidades da Revolução Cubana para Sartre reside no fato de que ela realizou-se sem uma ideologia socialista pré-estabelecida.

A adoção – *a posteriori* – da ideologia socialista em Cuba, em 1961, resultou de imposições históricas: a Guerra Fria e o embargo econômico dos Estados Unidos à ilha. Sartre antecipou o problema em 1960: “para resistir ao bloqueio e a título de economia de guerra”⁴⁷ Cuba recorreria à ao apoio soviético e à ideologia socialista, o que de fato ocorre. Poucos anos depois, quando a revolução se torna socialista, Sartre admite que “a vitória de Castro vem precisamente por que ele se tornou chefe de uma revolução socialista”.⁴⁸

Para Sartre, as ideologias são pensamentos práticos que comportam uma visão prática das circunstâncias objetivas e visam manter ou mudar uma determinada realidade social. Sartre utiliza duas definições de ideologia para explicar o período histórico anterior e

⁴⁵ (SARTRE, 1961a, p. 16, grifos de Sartre).

⁴⁶ (Ibid., p. 16).

⁴⁷ (SARTRE, 1961a, p. 16).

⁴⁸ Sartre afirma que o fator principal da derrota do Congo (belga) foi que “não quisera engajar-se para transformar a infra-estrutura do país”. (SARTRE, 1968, p. 205).

posterior à Revolução Cubana. Por um lado, utiliza a definição de ideologia em sentido marxista, isto é, como um falseamento da realidade ou (como prefere) como mistificação social, para mostrar como a ideologia antes da revolução, sob o regime de Batista, tinha a função de justificar, legitimar e manter a ordem sócio-econômica “semi-colonialista”. Por outro lado, Sartre parte da idéia de que a revolução “é uma práxis que forja suas idéias na ação”⁴⁹ e que a ideologia revolucionária originada depois da revolução é uma ideologia “positiva”, “construtiva”.

A principal ideologia cubana, anterior à Revolução, “sem açúcar não há país”⁵⁰ era, para Sartre, uma “fórmula reacionária” cujo objetivo era compartilhar a aceitação da ordem social como resultante de uma ordem natural, imutável, que impunha ao povo cubano uma conformação à realidade tal como se apresentava aos seus olhos. Tratava-se, como mostra o fragmento de

“desalentar a rebeldia contra a ordem social, apresentando-a como a expressão de uma ordem natural; esta frase apresenta aos cubanos sua miséria sob a forma de um destino. Isso equivale a dizer que comporta uma concepção pessimista do homem: já que não pode mudar a vida, que se resigne pois a levar a que alguém lhe impôs.”⁵¹

A ideologia “sem açúcar não há país” também é denominada, por Sartre, “ideologia selvagem”. Era uma “ideologia negativa”, “pessimista”, conservadora. O analfabetismo também desempenhava seu papel na mistificação social, ajudando a manter o povo na ignorância, afinal,

“para que o povo por vontade própria, se empobreça, e enriqueça cada vez mais aos ricos, há que mantê-los na ignorância. Aprender a ler é aprender a julgar. Então, ao povo não há que ensinar-lhe nada. Para começar, não há que dar escolas. Em 1959 havia em Cuba 45% de analfabetos e também 45% de camponeses e eu penso que ambas as porcentagens, no bruto, representavam os mesmos homens; a ignorância não era resultado da miséria; a miséria e a ignorância eram impostas ao mesmo tempo pelos donos da ilha.”⁵²

A antítese revolucionária à fórmula “sem açúcar não há país” pode ser o “o otimismo que sabe transformar as condições da vida e que confia no homem para fazer a história sobre a base das circunstâncias anteriores”.⁵³ Perante a tentativa fatalista que naturaliza uma ordem que é histórica, Sartre *propõe* que os homens sejam protagonistas de sua própria história ainda que se considere o peso do passado sobre eles. Nesse caso, sua

⁴⁹ (SARTRE, op.cit., p. 4).

⁵⁰ (Ibid., p. 2). Em outra passagem Sartre afirma “a lei de bronze os condenava a mal viver e que tinham que aceitar sua sorte”. (SARTRE, 1961c, p. 104).

⁵¹ (SARTRE, 1961a, p. 2).

⁵² (SARTRE, 1961c, p. 96).

⁵³ A afirmação feita por Sartre é de Marx.

ideologia seria “positiva”. Para Sartre, é a partir da luta do exército rebelde,⁵⁴ da práxis revolucionária, que combate ao mesmo tempo o exército de Batista e promove a Reforma Agrária, que se engendra uma nova ideologia revolucionária. A nova ideologia revolucionária nada mais é que “a ideologia humanista do povo” e seus primeiros elementos são: “a soberania de Cuba, sua independência e a honestidade de seus chefes” todos ligados indissoluvelmente à Reforma Agrária cuja “elevação do nível de vida popular e a mudança radical das antigas estruturas se condicionam reciprocamente”.⁵⁵ Esta ideologia humanista, inclusive, tem o mérito de se opor a toda ideologia individualista e derrotista do parlamentarismo burguês⁵⁶.

Referências

SARTRE, Jean-Paul. “Ideología y revolución”, In: _____. **Sartre visita Cuba**, 1961a.

SARTRE, Jean-Paul. “Entrevista con los escritores cubanos. In: _____. **Sartre visita Cuba**, 1961b.

SARTRE, Jean-Paul. “Huracán sobre el azúcar”. In: _____. **Sartre visita Cuba**, 1961c.

SARTRE, Jean-Paul. “L’assaut contre Castro”. **L’Express**, 20 avr. 1961d.

SARTRE, Jean-Paul. “Entretien avec Jean-Paul Sartre”. **La Voie Communiste**, nouvelle série, n.20, fév. 1961e.

SARTRE, Jean-Paul. “Pensamento político de Patrice Lumumba”. In: _____. **Colonialismo e neocolonialismo. (Situações V)**, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. “Um teórico na Bolívia”. Depoimento recolhido por Jean-Claude Garot. **Le Point**, Bruxelas, 1969. In: _____. **O escritor não é político?** Lisboa: Dom Quixote, 1971.

⁵⁴ Tanto em Cuba como na Argélia, o povo em milícias é a guerra popular. O exército popular na verdade é o “anti-exército”.

⁵⁵ (SARTRE, J.-P. “Ideología y revolución”. In: _____. **Sartre visita Cuba**, 1961, p. 15).

⁵⁶ *Ibid.*, p. 15.